

RESENHA

RECONSIDERANDO OS ARQUIVOS PESSOAIS

RECONSIDERING PERSONAL ARCHIVES

COX, Richard. *Personal Archives and a New Archival Calling: Readings, Reflections and Ruminations*. Duluth (MN): Litwin Books, 2008. 418 p.

HELOISA LIBERALLI BELLOTTO | Arquivista, professora doutora da Universidade de São Paulo.

Na esteira do novo olhar e da nova consideração que os arquivos pessoais estão recebendo dentro da arquivologia por parte das instituições, dos arquivistas e dos pesquisadores em geral, começa agora a ser mais conhecida entre nós, a obra de 2008 do conhecido arquivista norte-americano, professor de arquivística da Universidade de Pittsburgh, Richard Cox, cujo título pode ser traduzido como *Arquivos pessoais: um novo campo profissional: leituras, reflexões e reconsiderações*.

O intento do autor, expresso na introdução, é responder a uma pergunta básica para o tema: qual o futuro do arquivo pessoal e qual é o futuro da profissão arquivística que possa garantir que os arquivos pessoais e familiares sejam preservados? A perspectiva é o delineamento de uma nova forma de enxergar a importância, o papel e o emprego do arquivo pessoal. Se, talvez, atualmente ainda sejam esses arquivos mais valorizados pelos indivíduos e pelas famílias que os mantêm por razões altamente pessoais de identidade, memória e valor sentimental, não o sendo pelas instituições e pesquisadores em geral, essa situação passa agora por uma mudança e esta mudança precisa ser bem acolhida, bem entendida e devidamente sustentada.

No desenvolver de oito capítulos, Cox vai expondo suas observações, desde a forma peculiar pela qual os norte-americanos “veem” o arquivo pessoal até a análise de como tem sido o

“trato” profissional dado a eles, tanto no âmbito dos arquivos correntes como no dos arquivos históricos institucionais. Analisando esses capítulos, ocupando cada um, em média, cinquenta páginas, concluímos por não resumi-los totalmente, mas sim sacar-lhes argumentações essenciais a propósito de seus temas, tornados evidentes nas respectivas denominações.

“Postar notas e depois salvá-las” (*Posting Notes and, Then, Saving Them*) é o título do primeiro capítulo e nele o autor chama a atenção para a pouca incidência de publicação de guias para orientar os leigos a organizarem seus acervos privados. Isso, comparativamente aos abundantes livros de autoajuda, seja em que campo de ação for, tal como é notório nos Estados Unidos. Seria interessante se os arquivistas se propusessem a treinar aqueles a quem eles denominam “cidadãos-arquivistas”, ajudando pessoas a definirem seus próprios projetos de organização de acervos, acrescentando assim aos seus deveres profissionais, o do preparo de cidadãos no sentido de um conhecimento básico de como cuidar de seus próprios documentos históricos.

“Paixão pelo documento” (*The Romance of the Document*), o segundo capítulo, mostra o que tem levado muitos dos norte-americanos a vasculharem antiquários, sebos e feiras de antiguidades procurando por algum “documento interessante, envelhecido da maneira exata, associado a um evento ou período determinado, acompanhado de uma assinatura curiosa ou famosa ou simplesmente dotado da aparência desejada para ser emoldurado e pendurado num escritório ou quatinho pessoal”.¹ Independentemente de se tratarem de documentos de seu interesse próprio, pessoal ou familiar, “os norte-americanos, que são constantemente criticados por não se interessarem pela história, contradizem esse julgamento ao saírem à procura desses artefatos (alheios), escolhendo esses objetos porque eles possuem uma ligação íntima com o passado ou se tornam um investimento pessoal na memória da nação”.

“Documentos informativos: como as pessoas e as instituições obtêm informação” (*Information Documents: How People and Organizations Acquire Information*), terceiro capítulo, já explicita em seu título que será abordado todo um histórico da evolução do falar, escrever, ler, arquivar, enfim, do esforço “da humanidade para se comunicar, documentar e lembrar”. O autor recorda-nos que “quando se observa um documento, ao menos do gênero textual, depara-se com a linguagem. O documento de qualquer tipo (carta, memorando ou recibo) é recoberto de símbolos que representam palavras e números”. A relativa estabilidade da linguagem vê-se hoje confrontada com a fragilidade das fontes documentais, especialmente em suporte digital. A linguagem permite o “intercâmbio de informação”, mas a preservação da mesma informação necessita da escrita. Sem ela como compreender a história da sociedade humana?

“Uma função terapêutica: o arquivo pessoal” (*A “Therapeutic Function”: Personal Record-keeping*), capítulo quarto, aborda a redução, agora, da disparidade entre a experiência pes-

1 As citações, traduzidas livremente por esta autora, não terão suas páginas referenciadas porque o livro está em processo de edição no Brasil.

soal e o conhecimento dos requisitos públicos referentes à gestão de documentos e de informação já que, ao menos nos Estados Unidos, tem havido longos e tensos debates entre os defensores das liberdades civis e os partidários do governo ou da segurança nacional. Mostra preocupação com a forma como naquele país é gerenciada a privacidade, apresentando quanto as políticas norte-americanas têm sido mais ineficientes do que a de outros países. Ali, hoje, qualquer banco de dados pessoais registrado no sistema público pode ser vendido para praticamente todos os fins comerciais. Além do mais, especialmente na era pós-11 de setembro, por questões de segurança nacional e pela guerra ao terror, intensificou-se a coleta de informações pessoais realizada, muitas vezes, de forma duvidosa.

“Impulsos humanos e arquivos pessoais” (*Human Impulses and Personal Archives*), como quinto capítulo, é a parte na qual o autor acaba por se indagar por que os arquivos pessoais existem. Por que muitas pessoas, mesmo considerando-os como “um dos grandes fardos de nossa vida contemporânea”, concluem que é praticamente impossível viver sem eles? Talvez por reconhecerem que os documentos não surgem milagrosamente e sem razão e, na maioria dos casos, essas razões são boas? Nesse capítulo, a fotografia é objeto de grande atenção do autor, sobretudo a fotografia digital, expondo a facilidade com que hoje as pessoas enviam fotografias digitais de suas vidas diárias e momentos mais íntimos por meio da internet e também as postam em páginas pessoais eletrônicas.

“Traços de si: outras reflexões sobre o arquivamento pessoal e a função dos arquivistas” (*Traces of Ourselves: More Thoughts on Personal Recordkeeping and the Roles of Archivists*) caracteriza o sexto capítulo, demonstrando as preocupações do autor para com o destino dos arquivos pessoais, assinalando como os arquivistas profissionais podem de alguma forma “socorrer” as famílias preocupadas com continuidade e preservação da documentação privada, pois “mesmo aqueles papéis pessoais aparentemente sem muita importância, são capazes de transmitir valores fundamentais de geração para geração”. E, mesmo do ponto de vista pessoal, “sem as provas e as informações encontradas nesses documentos, perdemos nossos ancoradouros, nossa autoconfiança e nossa conexão com a sociedade e com as pessoas”.

“O correio eletrônico e o arquivamento pessoal” (*Electronic Mail and Personal Recordkeeping*) é o título do sétimo capítulo onde, afirmando ser “o correio eletrônico um dos mais onipresentes, comumente aceitos e mais fáceis de usar entre os documentos modernos e as tecnologias de informação”, Cox discute a posição dos arquivistas a respeito do assunto, tal como que ocorre nos Estados Unidos. Aqueles que atuam em arquivos correntes tendem a ver o e-mail como uma ameaça, tanto para sua própria capacidade de controlar os sistemas de arquivos quanto como um risco e um fator invasivo para as informações confidenciais das empresas onde trabalham. Os que estão nos arquivos históricos consideram o correio eletrônico um desafio imposto pela era digital no sentido da preservação do patrimônio documental. Para o autor, deveria ser encontrado um meio-termo que admitisse ser o e-mail fundamental tanto para as questões de documentação de uso imediato, como para a pesquisa, e não uma ameaça para ambos.

“A rede de documentos: a internet, os arquivistas e os arquivos pessoais” (*The Web of Records: The World Wide Web, the Records Professions, and Personal Archiving*), fenômeno estu-

interatividade e, obviamente, maior potencial para aperfeiçoamentos relativos à 'linkagem' com outras fontes de informação". Quanto aos blogs, considera-os

novas versões de velhas formas documentais como os diários, com a diferença de que não vão ser incluídas fisicamente em arquivos como é o caso de seus predecessores; de diversas formas, os blogs e outros documentos digitais recentes substituem os mais antigos, mas não há garantias de que estes possam ser arquivados da mesma maneira utilizada para aqueles.

O autor acaba por constatar que "poucos arquivos, seja de que tipo for, estão efetivamente trabalhando com formatos como os blogs, que são normalmente deixados a cargo de seus criadores" e "diante de um universo documental infinitamente mais amplo do que se podia prever, essa talvez seja uma decisão aceitável".

Por essas e tantas outras colocações tão inteligentes quanto estrategicamente expostas por Richard Cox, os profissionais e os estudantes de arquivologia no Brasil merecem a prometida tradução da obra para o português a cargo de Anderson Bastos Martins, integrando a Coleção Arquivo, da Editora da Universidade Federal de Minas Gerais. Isso tornará seu conteúdo mais facilmente acessível e passível de análises, comparações e aplicações no trato dos documentos pessoais, principalmente os gerados em meio digital, que apresentam ainda tantas dúvidas quanto à sua organização e preservação.

Recebido em 31/1/2014
Aprovado em 13/6/2014